

CAPÍTULO I

O ASTRÓLOGO

Encontrei pela primeira vez o astrólogo no Verão de 1980. Foi numa sexta-feira, dia treze. Geralmente, só depois de terem passado, me dou conta de coisas deste género. Uma sexta-feira, dia treze, pode perfeitamente decorrer como outro dia qualquer. No entanto, quando se acumula tudo e mais alguma coisa, e há certos acontecimentos que marcam o dia, é como se nome e numeral tivessem um estranho pacto entre si, e apenas se possa atribuir à nossa própria presunção ou-sarmos ignorar o dedo do destino.

Desde o início do meu curso universitário que todas as sextas-feiras à tarde trabalhava num moderno alfarrabista do Pijp. Era um lugar tranquilo, que me permitia ler um livro à vontade ou simplesmente folhear os jornais, já que jornais é coisa que nunca leio. Limito-me a folheá-los um pouco, por aqui e por ali. Quanto às verdadeiras notícias, bastam os títulos, que a história é sempre antiga e mais que conhecida.

A maior parte das vezes, escrevia cartas a um ou outro dos meus velhos conhecidos. E era o que eu estava a fazer naquele momento.

Era um dia quente. O expositor dos jornais estava lá fora e a porta aberta. Alguém tinha entrado silenciosamente, um homem baixinho, atarracado, de barba cerrada e um par de ócu-

los de meia-lua. Irritou-me não saber se já ali estaria há muito tempo, a fitar-me, de cabeça inclinada, com um olhar perscrutador por cima dos aros dos óculos, coisa que, seja em quem for, deixa sempre à mostra uma repugnante quantidade da esclerótica.

E ver uma tal quantidade de esclerótica seja de quem for é coisa que não me faz falta absolutamente nenhuma.

Pela intensidade da minha irritação, dei-me conta, pela primeira vez nesse dia, de que estava de mau humor e preferia não ver ninguém. Cabeça fria, bico calado e silêncio.

Cumprimentei amavelmente e debrucei-me de novo sobre a carta. Agora, tratava-se, sobretudo, de evitar que a frase que tinha na cabeça se avolumasse, se transformasse numa litania monocórdica. Se continuasse a repetir: «Não fiques praí a olhar pra mim de boca aberta, meu asno», só ia aborrecer-me a mim mesma, uma vez que tenho esta capacidade de atear em mim grandes emoções sem que os outros se dêem sequer conta disso.

Reli as últimas frases da minha carta e, sem deixar ao menos uma linha em branco, acrescentei:

«Agora, de repente, está ali um asno, especado no meio da loja. Sabes como sou, que não consigo lidar com animais. Que hei-de fazer agora, com um asno?»

Isto ajudou.

O homem andava pela loja, de um lado para o outro. Tinha um andar estranho, mais parecendo deslizar, arrastando os pés. Quando já se trabalha há muito tempo numa loja, aprende-se a não perder de vista as pessoas sem que elas se apercebam de que estão a ser vigiadas. Guardamo-las constantemente, como uma sombra, pelo canto do olho, e depressa reconhecemos qualquer movimento suspeito.

Roubo era, realmente, a última coisa de que o julgaria capaz. Toda aquela maneira de andar, encurvado, hesitante, era

mais própria de um animal assustadiço do que de alguém que estivesse a ganhar coragem para atacar. Mal reparava nos livros. Sempre que se detinha diante de uma estante ou de uma mesa, sentia o seu olhar pousar sobre mim, perscrutador e meditabundo, como se se perguntasse onde já me vira antes.

Pessoalmente, tenho boa memória para caras. E eu nunca o tinha visto.

Quando se suspeita de um perigo, venha ele de onde vier, o melhor a fazer é olhar o inimigo bem nos olhos. Se desviamos o olhar de uma coisa que nos atemoriza, o nosso medo torna-se mil vezes mais intenso, além de se manter no nosso íntimo por muito mais tempo do que o necessário. Isto é uma coisa que se evita, instintivamente. É precisamente como andar de moto. Quando se vai sentado atrás, a tendência, nas curvas, é para inclinarmos o corpo no sentido contrário ao da curva, mantendo-o o mais afastado possível do asfalto. No entanto, o que devemos fazer é precisamente abandonarmo-nos, acompanharmos o movimento, lançarmos todo o corpo na curva, até o nariz rasar o pavimento a toda a velocidade. O que é preciso é fazer aquilo de que temos medo. É o mais seguro.

Ergui os olhos, fitei-o bem de frente, e perguntei-lhe se o podia ajudar nalguma coisa. A pergunta provocou-lhe um abalo intenso. De súbito, todo o corpo lhe entrou em agitação, e ele abanou a cabeça com veemência.

— Oh! Não, não! — disse, como se estivesse com falta de ar.

É insuportável presenciar tanta timidez, pelo que lhe sorri, só para o pôr à vontade. Quietos! Tranquilo! Ninguém te faz mal...

As pessoas nervosas podem tornar-se subitamente muito agressivas.

Quanto a mim, queria continuar a minha carta.

— Bom, talvez... — gaguejou ele. Algumas semanas atrás, andava também pelas vizinhanças, e vira na montra de uma

loja qualquer, achava que tinha sido nesta, mas não tinha a certeza, em todo o caso, tinha sido algures, por ali, no Pijp, um livro sobre Vincent van Gogh. E era desse livro que andava à procura. Aliás, não era por gostar de Van Gogh, antes pelo contrário; queria ler o livro precisamente porque não compreendia o que havia em si próprio que o levava a ter alguma coisa contra Van Gogh.

Falava depressa, mas muito baixinho, uma espécie de falar entre dentes, quase sem fôlego, com uma pronúncia que eu não conseguia identificar. O que, aliás, também é coisa que quase nunca consigo fazer.

— Se tivermos, deve estar ali — disse eu, apontando para a estante à esquerda da minha mesa.

— Pois, pois — disse ele, olhando docilmente na direcção que lhe indicara. Lançou-me ainda uns olhares indagadores, e deixou-se ficar ali, em pé, sem se decidir.

Que queria ele? A história tinha-me parecido estranha, mas a verdade é que é sempre possível meter conversa com qualquer um sobre os prós e os contras de Vincent van Gogh. Só que eu não estava com disposição para conversas.

De costas curvadas, passou por diante da minha mesa. Quando passou, chegou-me ao nariz um cheiro a mofo. Encontrava-se agora a um metro de mim, de cara voltada para a estante dos livros de arte.

— Sagitário-Escorpião — disse.

É verdade.

Já estava acostumado. À primeira vista, esbarrava com um muro de aversão, como se nele houvesse qualquer coisa de errado, qualquer coisa de estranho, ou, pior ainda: qualquer coisa de repulsivo. A verdade é que não era cego e via isso muito bem. Via-o nos olhos das pessoas, nos traços dos rostos, nos músculos em redor das bocas: tudo nelas indicava rejeição. Logo que lhes dizia o que eram, porém, toda a atitude

delas se modificava. Era preciso que as coisas corressem, de facto, muito mal para que naqueles olhos se não iluminasse qualquer coisa e um halo de ardente curiosidade não entrasse em luta com a dureza manifesta do primeiro olhar.

Foi um tiro em cheio. O astrólogo leu a solicitude no meu rosto, o que lhe permitiu abandonar o último resto de um pretenso desejo de comprar, e dirigiu-se para a minha mesa. Juntamente com o seu corpo, veio também na minha direcção um cheiro denso, um cheiro a cadáver poeirento e ressequido.

— Cinquenta e cinco? — perguntou.

Espantada, assenti com a cabeça, perguntando-lhe, por minha vez, como sabia ele aquilo tudo, assim, sem mais aquelas. Respondeu-me que não era uma questão de saber, mas sim de observar: a cor da minha roupa, as linhas do meu rosto, em forma de lua, e «le petit grain de folie dans tes yeux».

— E isso — disse, apontando para o tampo da mesa.

— Isso o quê?

— Escrever — respondeu ele.

Em cheio! Seja o que Deus quiser. Mudo completamente de opinião e decido deixar o jornal, os livros e a carta por aquilo que são. Ostensivamente, empurro toda aquela papelada para o lado, para deixar bem claro ao desconhecido que vou escutá-lo durante o tempo que for necessário para ficar a saber tudo sobre esse modo de observar e avaliar, sobre o que está escrito nas estrelas, sobre algo que eu quero que esteja escrito algures, e que se verifica ser inevitável: a relação entre mim própria, como Sagitário-Escorpião, se necessário, e o acto de escrever.

Do ombro pendia-lhe uma sacola de material barato, atulhada até ao cimo. Pousou-a no chão e tirou dela um livro grosso e rectangular. Pelo aspecto, via-se que já tinha sido tirado muitíssimas vezes de sacolas moles e usado com frequência. A lombada de tecido estava rota nas extremidades e em vários sítios sobressaíam de entre as páginas pequenas tiras de papel.